

# **TRABALHADORES DE SUAPE: ESTUDO SOBRE A DIVERSIDADE DE EXPERIÊNCIAS DE POLÍTICA OPERÁRIA. (APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS PARCIAIS)**

Pedro Henrique Santos Queiroz<sup>1</sup>.

Email: [pedroqueirozpedro@hotmail.com](mailto:pedroqueirozpedro@hotmail.com).

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Departamento de Pós Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço.

A pesquisa visa investigar e analisar a realidade vivida por trabalhadores das categorias construção civil pesada e construção naval, ambas circunscritas à área do Complexo Industrial Portuário de Suape, localizado no litoral sul de Pernambuco. Ao empregar como principal fundamento teórico a categoria thompsoniana de *experiência*, pretende-se abordar a diversidade de formas pelas quais os trabalhadores dos grupos enfocados sentem, percebem, explicam, se organizam, resistem, se adaptam e lutam em um contexto regional marcado por transformações recentes associadas à implementação de “grandes projetos”. No trabalho aqui apresentado, faço uma exposição sumária dos problemas levantados pela pesquisa e, em seguida, transcrevo as anotações realizadas em caderno de campo referentes a duas atividades de observação, precedidas de informações de contexto e de algumas observações analíticas. A primeira observação foi realizada em uma assembleia dos trabalhadores da construção civil pesada, cujo desfecho foi decisivo para a compreensão da série de greves que se seguiram no setor em 2012 e a segunda observação, no centro do Cabo de Santo Agostinho à noite, sobre as experiências de não-trabalho relacionadas ao lazer e entretenimento dos trabalhadores.

## **1. Apresentação.**

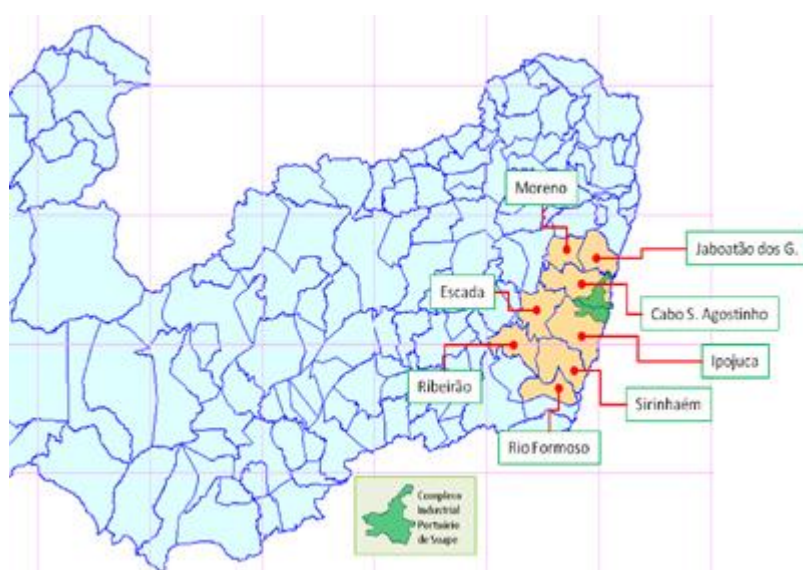
Pretendo apresentar neste artigo alguns dos resultados parciais obtidos através da pesquisa em andamento intitulada “**Trabalhadores de Suape: estudo sobre a diversidade de experiências de política operária**” que está sendo desenvolvida atualmente no Programa de Pós Graduação do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. Neste primeiro item de apresentação, faço uma exposição sumária dos problemas de pesquisa a partir de dois pontos: a) delimitação do campo de pesquisa e sua justificativa e b)

---

<sup>1</sup>Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Linha de fomento: Bolsas no Brasil – Mestrado.

fundamentação teórica das principais categorias empregadas. Nos itens seguintes apresento os resultados de duas atividades de observação de campo: a primeira delas realizada em uma assembleia cujo desfecho foi decisivo para a deflagração da greve geral do setor da construção civil pesada em 2012 e a segunda realizada em espaços de lazer e entretenimento no município do Cabo de Santo Agostinho em fevereiro de 2014. Irei reproduzir na íntegra minhas anotações no diário de campo referentes a essas atividades, já que a partir da sua leitura é possível sentir algo “atmosfera” da realidade vivida pelos trabalhadores de Suape e vislumbrar uma série de questões que se expostas isoladamente excederiam em muito o espaço deste artigo.

A pesquisa toma como proposta a investigação e análise de um conjunto amplo e diverso de experiências (com ênfase particular para as experiências de ação política) vivenciadas por um grupo operário específico a partir de sua posição relativa dentro do processo produtivo e em um contexto marcado por grandes transformações regionais. Sob o recorte adotado, são analisadas as experiências de vida e trabalho vivenciadas pelas categorias de trabalhadores dos setores da construção civil pesada e construção naval, ambas circunscritas à região do Complexo Industrial Portuário de Suape, localizado na região do litoral sul do estado de Pernambuco entre os municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. Abaixo, vê-se a localização do Complexo de Suape (área verde) no mapa de Pernambuco. Em laranja estão destacados os municípios que compõem o Território Estratégico de Suape, tal como definido pelo Governo do Estado.



Créditos da imagem: Secom/Cabo. Disponível em: <http://www.cabo.pe.gov.br/index.php/p11070/>.

A escolha por uma análise comparativa entre estas duas categorias de trabalhadores se deve à constatação da existência de um conjunto de semelhanças quanto ao processo de trabalho em ambos os setores, assim como semelhanças quanto ao perfil dos conflitos encontrados nesses setores para o caso de Suape.

As semelhanças quanto ao processo de trabalho dizem respeito aos seguintes fatores: a forma canteiro assumida pelos locais de trabalho; a grande presença de trabalhadores migrantes, muitas vezes de origem rural, na composição da força de trabalho; a concentração espacial de um contingente relativamente grande de trabalhadores; o ambiente de trabalho insalubre e com alto potencial de riscos de acidentes de trabalho e de desenvolvimento de doenças ocupacionais; o caráter descontínuo e diversificado das atividades, seguindo as diversas etapas da obra; a permanência de um caráter artesanal das atividades de trabalho, malgrado a adoção de inovações tecnológicas e gerenciais relacionadas à desqualificação do trabalho; a importância de um sistema de transmissão de saberes via redes sociais formais e informais nos locais de trabalho; a coincidência de ofícios semelhantes entre os dois setores, embora com funções diferenciadas (carpinteiro e pintor, por exemplo); a existência de uma estrutura hierárquica e de aprendizado bastante semelhante (aprendiz - ajudante - profissional, ou ainda oficial – meio oficial - servente); a prática de modalidades semelhantes de intensificação e superexploração da força de trabalho, via jornadas prolongadas e emprego frequente de horas extras (Costa, 2010; Farah, 1996; Pessanha, 1986 e Villela, 2007).

Há, no entanto, diferenças importantes entre o processo de trabalho nesses dois setores, talvez a principal delas seja a que se refere à temporariedade dos projetos: na construção pesada, a data de entrega da obra é o marco final do projeto, sendo seguida de desmobilização total da força de trabalho empregada, enquanto que na construção naval, a entrega do navio é seguida do período de preparo para a construção de outros navios, havendo apenas desmobilização parcial (ainda que significativa) da força de trabalho.

Já as semelhanças quanto ao perfil dos conflitos identificados nesses dois setores dizem respeito a: problemas trabalhistas e pautas de reivindicação com vários pontos em comum; contexto parecido de dificuldade de legitimação das entidades sindicais estabelecidas frente às bases; emprego de práticas anti-sindicais por parte das empresas; ocorrência de episódios de conflito aberto com destruição de patrimônio das empresas e confronto direto com a polícia, entre outros fatores.

A abordagem assumida neste trabalho pretende seguir por uma via que valorize a apreciação das várias formas pelas quais os trabalhadores agem, percebem e explicam sua

experiência vivida. Buscando seguir esse objetivo, a categoria de *experiência*, tal como formulada pelo historiador Edward Palmer Thompson, é tomada como principal fundamento teórico da pesquisa. Percebo a pertinência dessa abordagem na contemplação da articulação íntima existente entre as situações concretas de vida e de trabalho e as formas pelas quais estas são apropriadas subjetivamente pelos sujeitos:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo [experiência humana] – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (...) das mais complexas maneiras (...) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981:182)

No pensamento de Thompson, a categoria *experiência* adquire importância capital pelo equilíbrio entre os aspectos de agência e condicionamento na explicação dos fenômenos históricos. Desta forma, em sua investigação sobre formação da classe trabalhadora e da consciência de classe, Thompson entende que as bases para tais fenômenos devem ser buscadas nas experiências compartilhadas pelos trabalhadores. Em outras palavras, a compreensão das formas pelas quais os trabalhadores agem sobre o mundo deve passar pela compreensão das formas pelas quais os trabalhadores percebem e sentem esse mundo, o que por sua vez é mediado por um conjunto de valores e interesses histórica e culturalmente situados. Dessa forma:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. (THOMPSON, 1987: 10)

Com efeito, uma abordagem que tome como seu principal suporte uma categoria de *experiência* assim definida deve contemplar a ampla diversidade dos sujeitos históricos, levando em consideração fatores de gênero, idade, “raça”, orientação sexual, trajetória ocupacional etc. É evidente que a forma como os sujeitos efetivamente experienciam suas condições de existência é afetada pelo “lugar no mundo” ocupado por estes sujeitos, sendo o

pertencimento à classe trabalhadora mediado por uma série de outras construções identitárias e atributos pessoais.

A valorização das experiências de vida dos sujeitos históricos se encaixa no projeto intelectual de Thompson a partir de sua postura de crítica constante às narrativas teleológicas, sejam elas de esquerda ou de direita, que concebem os processos históricos como linhas evolutivas cujo significado profundo é dado por um ponto final de redenção. Para Thompson, os processos históricos não são formados por episódios isolados, mas possuem uma lógica interna que pode e deve ser interrogada. No entanto, a visão da história como processo não deve ser entendida como pretexto para ignorarmos a experiência concreta dos seres humanos concretos que são, efetivamente, os sujeitos que compõem a história, ainda que sua atuação não se encaixe perfeitamente em roteiros mentais pré-estabelecidos. Em um texto de polêmica contra Perry Anderson e Tom Nairn, Thompson coloca o problema da seguinte forma:

(...) a história não pode ser comparada a um túnel por onde um trem expresso corre até levar sua carga de passageiros em direção a planícies ensolaradas. Ou então, caso o seja, gerações após gerações de passageiros nascem, vivem na escuridão e, enquanto o trem ainda está no interior do túnel, aí também morrem. Um historiador deve estar decididamente interessado, muito além do permitido pelos teleologistas, na qualidade de vida, nos sofrimentos e satisfações daqueles que vivem e morrem em tempo não redimido. (Thompson, 2001, p. 100)

Ao trazer para o primeiro plano as experiências dos atores sociais subalternizados que, com frequência, são simplesmente excluídos da história oficial, a obra de Thompson pode ser entendida como uma tentativa de reversão de um tipo específico de invisibilidade social, qual seja a invisibilidade histórica. Nesse sentido, estaríamos aqui no campo de busca por respostas àquelas “Perguntas de um operário que lê”, escritas por Bertolt Brecht: “Quem construiu Tebas, a das setes portas?/ Nos livros vem o nome dos reis,/ Mas foram os reis que transportaram as pedras?/ Babilônia, tantas vezes destruída,/ quem outras tantas a reconstruiu?”

A pesquisa aqui apresentada toma como seu fundamento mais importante a afirmação aparentemente trivial de que os trabalhadores devem ser entendidos como *sujeitos de sua própria história*. Por um lado, isso significa que a capacidade de ação política está condicionada pela imersão dos agentes históricos nas águas daquele rio que nunca é duas vezes o mesmo, tal como descrito por Heráclito de Éfeso. Por outro lado, isso significa que os trabalhadores devem ser tomados como sujeitos aptos a intervirem no curso histórico real por

serem, assim como todo ser humano, portadores de racionalidade, sensibilidade e liberdade. Dito de outra forma, os trabalhadores devem ser entendidos como seres capazes de perceber, sentir e pensar o mundo no qual vivem e, portanto, como seres capazes de avaliação, de escolha, de diálogo, de disputa, de cooperação, de associação, de resistência, de consentimento, de adaptação, em uma palavra, os trabalhadores devem ser entendidos como seres capazes de fazer política.

Assim entendidos, os trabalhadores aparecem como seres capazes de, a partir de suas experiências vividas, sustentarem concepções próprias sobre o que é justo ou não, o que é verdadeiro ou não, bem como de formularem seus interesses e necessidades e de agirem de forma consequente à conquista de seus objetivos por meio do recurso a uma diversidade de estratégias que vão do engajamento na ação direta ao agenciamento de instituições, como sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais e diversas instâncias do aparelho de Estado.

## **2. Uma assembleia fraudada.**

No dia 27 de julho de 2012 foi realizada uma assembleia com os trabalhadores do setor da construção civil pesada. A assembleia havia sido convocada pelo sindicato que representa legalmente a categoria, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção de Estradas, Pavimentação e Terraplanagem no Estado de Pernambuco (Sintepav-PE).

Este sindicato é, desde sua criação, filiado à Força Sindical e, segundo um texto institucional de três parágrafos veiculado no site do sindicato ([www.sintepav-pe.org.br](http://www.sintepav-pe.org.br)), foi “oficialmente fundado no dia 23 de setembro de 2000 a partir da determinação do seu atual presidente Aldo Amaral de Araújo”. Além dos grandes canteiros de obras em Suape, o Sintepav-PE detém hoje a representação dos trabalhadores de outras obras importantes em Pernambuco como as da Ferrovia Transnordestina e de transposição do Rio São Francisco. Seguindo a linha de sua central sindical, as concepções políticas dos que fazem o Sintepav-PE é marcada pela leitura da relação capital trabalho como parceria e cooperação, o que se traduz numa prática que busca estabelecer uma boa relação com as empresas: nas entrevistas que realizei os termos que aparecem mais frequentemente para descrever essa relação são tranquilidade, confiança, liberdade e transparência. Outro ponto de contato mais evidente entre os princípios da Força Sindical e a atuação do Sintepav-PE reside na adoção de uma estratégia de “sindicalismo de resultados” que se define pela defesa de uma agenda circunscrita a questões estritamente trabalhistas e que visa a otimização dos ganhos dos

trabalhadores, sendo o sindicato entendido como uma espécie de negociador coletivo da força de trabalho.

Desde o início da sua atuação, o Sintepav-PE vem enfrentando objeções quanto a sua legitimidade, seja no campo jurídico, respondendo a ações movidas por outras entidades sindicais que reivindicam para si a representação daquela categoria, seja no campo político na dificuldade de aceitação pelas bases. É sintomático que “sindicato” e “trabalhador” apareçam como entidades distintas na fala dos entrevistados do Sintepav-PE. Como se vê nesse trecho da entrevista realizada com dos membros da equipe de fiscalização do sindicato: “Então o que acontece? Se você for entrevistar um trabalhador, ele nunca tá satisfeito com nada, não tá satisfeito com sindicato, tudo pra ele não presta. Quem presta é o trabalhador [irônico]”.

Na assembleia do dia 27 de julho foi aprovado um acordo coletivo para a categoria que representava um aumento salarial linear de 10,5% mais a equiparação salarial entre todas as funções no setor da construção pesada em Suape. Esta última reivindicação, em particular, representava um grande avanço, já que visava resolver um dos pontos mais problemáticos e geradores de revolta entre os trabalhadores de Suape, qual seja a o emprego por parte das empresas de padrões de remuneração distintos para funções iguais ou muito semelhantes. No entanto, como pude verificar na atividade de campo, a disposição da base era pela greve a fim de conquistar um acordo ainda mais vantajoso. A proposta apresentada pelo Sintepav foi aprovada através de uma manobra espúria que foi amplamente rechaçada pela categoria, o que teve como desdobramento uma série de greves e conflitos que perduraram até o final de 2012.

Cheguei ao centro do Cabo de Santo Agostinho por volta das sete horas da manhã. Tomei um moto-taxi do centro da cidade até o local da assembleia no portão sete da Refinaria. Na parte final do trajeto, a moto já estava precisando forçar passagem por aberturas cada vez mais estreitas e difíceis entre os vários ônibus de empresas congestionados. Quando não havia mais possibilidade alguma de avançarmos, saltei da moto e paguei a viagem. Tinha chegado ao espaço da assembleia: uma multidão de trabalhadores vestindo fardas de várias cores e espalhados por toda a área. Eram milhares e a impressão de contato com a multidão que se tinha era semelhante à de entrar em um estádio de futebol.

Segui o fluxo maior de pessoas, me orientando também pelo som da voz no microfone, até finalmente avistar o trio elétrico que servia de palanque – um pequeno trio elétrico alugado, ainda trazendo adesivos antigos do Galo da Madrugada, e que exibia duas faixas com mensagens de “Sem luta não há conquista” e “A Força Sindical nacional apoia a luta dos

trabalhadores de Suape”. Me aproximei para escutar melhor o que estava sendo falado. A assembleia já havia começado há mais ou menos meia hora. Os ânimos estavam acirrados. O trio era ocupado por representantes do Sintepav, dentre eles o presidente Aldo Amaral, e um enviado da Força Sindical nacional. Do alto do trio, o orador da vez falava contra aqueles que queriam “fazer greve só por fazer greve” e sugeria que esses companheiros estariam na verdade interessados em arranjar motivo para viajar mais cedo de volta para casa. Vi essa opinião de desconfiança sendo repetida em vários momentos, não apenas pelos oradores no trio elétrico do sindicato, mas também em grupos de conversa dispersos. A assembleia estava dividida. Observei, tentando elaborar um esquema rápido, que quanto mais próximo do trio elétrico, maior a tendência de apoio ao sindicato. Os representantes do Sintepav se revezavam no microfone defendendo o acordo que previa, entre outros pontos que não consegui anotar, aumento salarial de 7% e equiparação entre todas as categorias da construção pesada em Suape. Havia muita hostilidade entre o público presente contra o sindicato e seus representantes. Os termos do acordo eram considerados, por uma parcela significativa da assembleia, insatisfatórios, sob o argumento de que na campanha salarial do ano passado (2011) o aumento conquistado tinha sido de 11%. Além disso, observava-se entre alguns a disposição – expressa em gritos de “greve, greve” - de decretar greve imediatamente. Gritos de protesto, vaias e xingamentos (“safado”, “pelego”) seguiam-se às falas do sindicato. Num gesto explosivo, um trabalhador batia no chão com uma garrafa pet vazia para fazer barulho. Começou a chover forte, tornando tudo ainda mais confuso e dificultando o trabalho que eu vinha fazendo de anotação em um caderninho de mão. Guarda-chuvas se abriram e alguns trabalhadores esticaram suas fardas sobre as cabeças, de forma a se proteger e a proteger um grupo mais próximo de três ou quatro colegas espremidos.

A proposta inicial de acordo foi explicada e defendida por várias vezes e com fartura de argumentos por Aldo Amaral e demais oradores do trio elétrico. Todos estavam afinados na defesa da proposta – um discurso coeso, bem elaborado. O argumento mais forte – e o que foi mais repetido – era o de que a equiparação iria significar um grande aumento em alguns casos, sendo que o caso do encanador foi o mais citado: pelo acordo, o encanador com pior remuneração, que ganha hoje R\$ 1.760, passaria a ganhar R\$ 2.200. Não foi dado espaço no trio elétrico para a exposição de opiniões contrárias, dificultando, assim, o debate entre as propostas favoráveis e contrárias ao acordo. Aqueles que eram contrários se expressavam como podiam, expondo suas opiniões aos gritos e de maneira desordenada. O diálogo resultante era precário, já que podíamos escutar bem apenas uma das partes – aquela com



acesso ao microfone. Na fala dos ocupantes do trio elétrico “sindicato” e “trabalhador” eram colocados como sujeitos distintos. Exemplo: “o sindicato e o trabalhador juntos na luta”. Ocasionalmente, alguém no trio elétrico anunciava que representantes do sindicato estavam descendo para ouvir mais de perto as reivindicações que não estariam sendo contempladas. Dentre as cobranças dos trabalhadores contrários ao acordo havia reclamações quanto às condições da folga de campo, valor do auxílio alimentação e auxílio moradia. Respondendo a uma reclamação quanto ao auxílio moradia, Aldo Amaral explicou que tinha colocado essa questão na mesa de negociação e escutado de empresas, entre elas a Petrobrás, que elas não estavam dispostas a pagar esse benefício, pois a região do Cabo de Santo Agostino tinha problemas sérios de planejamento urbano e pagar o auxílio moradia significaria estimular diretamente a favelização.

A proposta do acordo foi finalmente colocada em votação por contraste e derrotada com ampla margem de votos – as áreas mais próximas ao trio elétrico foram as que apresentaram maior quantidade de votos favoráveis à proposta do sindicato. Em seguida, Aldo Amaral e os demais oradores anunciaram várias vezes seu desacordo em relação à decisão da assembleia. Eles lamentavam que o trabalhador tivesse “jogado no lixo” um acordo bom e vantajoso e indicavam que tal erro teria sido induzido pela influência de “alguns” não nomeados diretamente. A partir do momento da rejeição do acordo, os gritos de “greve, greve” aumentaram significativamente. O enviado da Força Sindical nacional desenvolveu uma fala marcada por expressões que apontavam para a veleidade da greve naquele momento: “dar murro em ponta de faca”, “nadar, nadar e morrer na praia” e “fazer greve por fazer greve”. Novamente, não foi dado espaço no trio elétrico para a expressão de opiniões divergentes. Em determinado momento, um senhor subiu ao trio elétrico e, exaltado, tentou tomar o microfone para si, mas foi contido pelos representantes do sindicato. Aldo Amaral pediu calma e conduziu uma consulta rápida ao público “ - eu deixo ele falar, pessoal? - Nãoaa”. Logo em seguida, o senhor foi levado para fora do trio. O episódio todo durou poucos minutos, mal dando tempo para que aqueles que estavam mais distantes percebessem o que estava acontecendo e tomassem qualquer posicionamento. Uma reação à retirada desse senhor foi apenas esboçada num coro puxado por meia dúzia de trabalhadores que pedia “deixa ele falar, deixa ele falar”. Algum tempo depois, Aldo Amaral informou que aquele mesmo companheiro estava agora mais calmo e, inclusive, estava arrependido de ter votado contra a proposta inicial, depois de ter conversado com o pessoal do sindicato e se informado melhor sobre o conteúdo do acordo rejeitado. Em todo caso, só ficamos sabendo da mudança

de opinião por esse relato, já que o espaço no trio elétrico continuou restrito aos integrantes do sindicato.

Em uma fala decisiva para os rumos da assembleia, Aldo Amaral expôs seu argumento de que fazer greve naquele momento seria “fazer o jogo do patrão”, pois iria enfraquecer o sindicato e trazer prejuízos para os trabalhadores. Isso porque a data base de negociação era o dia 1 de Agosto e qualquer greve decretada antes disso seria, seguramente, considerada ilegal pela justiça, o que significaria multa para o sindicato e desconto de dias parados para os trabalhadores. Aquela era, portanto, uma assembleia com objetivo de comunicação, que tinha sido convocada como resposta a pressões da base, e sem poder de decretar greve. Ao ouvir isso, mais da metade dos trabalhadores presentes se retiraram, ignorando os apelos em contrário feitos pelos ocupantes do trio elétrico. Um dos oradores do sindicato protestou contra a atitude dos companheiros, atribuindo o movimento de evasão à chuva, e dizendo que esse era um ato de covardia, já que se aquele fosse dia de trabalho o patrão não queria nem saber e colocava todo mundo para trabalhar debaixo da chuva e agora era o momento de “nós trabalharmos para nós mesmos”. Apesar de inspirado, o argumento é falso, pois a maioria dos trabalhadores tinha permanecido na assembleia mesmo debaixo de chuva forte, apenas se retirando após o anúncio de que não havia possibilidade de deflagrar greve naquela ocasião. Os oradores do trio elétrico continuavam a lamentar a escolha feita pela assembleia. Um grupo de trabalhadores que tinha permanecido na assembleia pediu que fosse realizada uma segunda votação, ao que Aldo Amaral respondeu que não era possível votar mais de uma vez a mesma proposta. Notava-se na fala de Aldo Amaral uma preocupação especial em demonstrar que o sindicato estaria conduzindo a assembleia e o processo de negociação de forma legítima e correta. Um carpinteiro, representante de base do Sintepav, seguiu essa mesma linha de argumentação ao enfatizar que o sindicato não estava fazendo negociação no subterrâneo, mas ali, abertamente, numa assembleia de trabalhadores e sem sonegar informações: “aqui não tem falsa informação. Até porque eu não sou engenheiro, não. Eu sou carpinteiro.” Aldo Amaral informou que já tinha entrado em contato com o sindicato patronal e que estava agora esperando uma contra proposta, que pudesse ser colocada para apreciação da assembleia. Enquanto a ligação não chegava, o trio elétrico iria ficar passando música. A espera não durou muito, apenas o tempo de uma canção (um reggae politizado de Edson Gomes). A nova proposta era de 10,5% de aumento mais cesta básica e foi rapidamente colocada em votação por aclamação e aprovada. Algum ocupante do trio elétrico ainda pediu que os trabalhadores levantassem os braços mais uma vez para sair na foto, ao que foi prontamente atendido. Aldo Amaral ressaltou como essa era a escolha certa e que o aumento

garantido representava a maior conquista salarial da categoria no país e também o valor da cesta básica passava a ser o maior do país. A assembleia, já muito esvaziada, foi encerrada com os oradores do trio comemorando a vitória do trabalhador – “a maior conquista do Brasil e sem necessidade de movimento paralista”- e soltando rojões.

### **3. Passeio noturno pelo centro do Cabo de Santo Agostinho.**

Em fevereiro de 2014 fiz uma série de atividades de observação de campo nos municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, os dois municípios que abrigam o Complexo de Suape e que formam a parte mais diretamente atingida por suas atividades. Na observação foram privilegiados locais de circulação, comércio, religião e entretenimento público. Com isso, esperava-se compor um painel representativo de algumas das diversas experiências de não trabalho compartilhadas pelos trabalhadores de Suape. O relato a seguir foi produzido a partir de uma atividade de observação na região central do município do Cabo de Santo Agostinho: a área percorrida compreende um perímetro entre o Terminal Integrado Rodoviário do Cabo de Santo Agostinho e a PE 60, tendo o Mercado Público (ou Mercadão) como uma espécie de centro. Durante essas atividades, estive acompanhado e pude contar com o auxílio do amigo e colega de curso no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Unicamp, Raul Vinicius Araújo Lima, a quem deixo registrado meus agradecimentos.

Busquei desenvolver nessa observação um relato descritivo, depurado de juízos de valor e de observações depreciativas ou irônicas sobre os gostos e modos de vida das classes populares. Como dificuldade adicional, porque a observação envolveu, entre outras coisas, a descrição de um local de prática de prostituição, tive que tomar precauções para evitar reproduzir vulgaridades machistas em meu relato. A pesquisa de campo foi realizada em um período de desmobilização da força de trabalho empregada na construção dos grandes projetos no Complexo de Suape: o Pólo Petroquímico já foi entregue e encontra-se em funcionamento desde 2013 e as obras de construção da Refinaria Abreu e Lima encontram-se em fase final. Dessa forma, pude constatar uma menor presença de trabalhadores (identificados pelo uso de peças do fardamento das empresas) nas ruas do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, em comparação com as outras vezes em que estive nesses locais em 2011 e 2012. Ainda assim, acredito que tal fato não invalide as atividades de observação realizadas como forma de conhecimento sobre o grupo focado de trabalhadores de Suape, já que, apesar de atenuada, sua presença ainda se faz sentir com força na vida dessas cidades.

No relato que segue é possível perceber alguns elementos de interesse, tais como, para citar alguns: a quase onipresença da música como elemento de sociabilidade; a convivência íntima entre o religioso e o profano (a mim causou-me forte impressão o discurso religioso assumido pelo senhor bêbado que nos abordou na Rua da Linha. Interpretei esse episódio como um indício da forte difusão da moral religiosa cristã, à qual aderem mesmo aqueles envolvidos em condutas que poderiam ser vistas como reprováveis do ponto de vista desse código ético); a atmosfera carregada e melancólica do cenário formado pelos trabalhadores baianos que regressavam a sua terra após concluírem os trabalhos em Suape (lembro que eu e Raul conversamos ali mesmo sobre o potencial cinematográfico daquilo que víamos e como era lamentável não termos material a mão para fazermos um pequeno vídeo com a câmera fixa a registrar os acontecimentos daquela despedida). A seguir, transcrevo as anotações no diário de campo:

*Noite de sexta feira. Pátio de eventos do Mercado: um grande espaço contíguo ao restante da estrutura do mercado que se divide em duas áreas: uma coberta por toldos de plástico em formato de “L” onde estão vários bares e uma área ocupada apenas por um palco localizado na extremidade oposta à área dos bares, ficando uma área livre entre esses dois pontos reservada para a dança. As mesas eram de plástico amarelo, com patrocínio da Skoll. Um dos bares trazia sua fachada coberta por um anúncio em plástico duro do jornal Aqui PE<sup>2</sup>. Havia ainda uma parada de ônibus na calçada ao lado do palco. Público: grupos de trabalhadores ainda fardados, moradores da região, gente que ficou da feira. Música: Axé e Brega (não conseguimos identificar as bandas). Conversavam e bebiam principalmente cerveja (Skoll e Schin). A essa hora, havia poucas pessoas dançando: uma senhora carregando uma sacola e que há pouco nos havia pedido dinheiro e cigarro e agora acompanhava o ritmo da música dançando como quem dança forró com um parceiro imaginário e duas crianças de mesma idade brincando de roda. Ocasionalmente passava algum vendedor ambulante oferecendo amendoim (torrado com sal ou cozido) e ovo de codorna; além disso, algumas pessoas pediam porções de batata frita e iscas de carne nos bares. Mais tarde iria acontecer um show, mas não ficamos pra ver. Som alto, difícil de escutar sobre o que as pessoas conversavam.*

---

<sup>2</sup> O Aqui PE é uma publicação ligada ao grupo Diários Associados, que, em Pernambuco, edita também o Diário de Pernambuco. Seu formato é o de um tabloide expandido e é comercializado ao preço de R\$ 0,25. Voltado para as faixas de renda C, D e E, o Aqui PE veicula textos curtos repletos de maneirismos coloquiais sobre assuntos da atualidade, com destaque para o noticiário local. Durante as atividades de campo pude constatar sua grande circulação e receptividade pelas pessoas da região.

*Saímos do pátio de eventos e caminhamos em direção à Avenida Presidente Vargas. No caminho presenciamos a pregação de um pastor montado em uma bicicleta equipada com altos falantes ligados ao seu microfone headset. O pregador usava uma bandeira do Brasil amarrada ao pescoço como uma capa e no momento presenciado expunha a ideia de que os crentes não deveriam ter medo do ridículo, seguindo assim o exemplo do profeta Noé que, segundo sua interpretação do texto bíblico, também não teve medo do ridículo. O pregador falava a certa distância para um grupo de pessoas reunidas ao redor de uma carrocinha que vendia espetinho e bebidas, havendo entre eles um trecho de esgoto a céu aberto. Alguns passos à frente estava sentado um rapaz jovem de cabelo rastafári diante de um tecido colocado ao chão sobre o qual estavam suas mercadorias expostas à venda: artesanato “hippie” e acessórios relacionados ao consumo de maconha (“pipes” de madeira e cachimbos d’água).*

*Chegamos à Rua da Linha. Quando perguntamos a um senhor que estava ao lado de sua bicicleta qual era o nome da rua, ele reagiu com espanto como se fosse absurdo não sabermos que lugar era aquele. Sobre uma linha férrea abandonada (havia montes de entulho espalhados ao longo da via), estavam montados cinco ou seis gazebos de plástico que abrigavam comércio informal de venda de bebidas e petiscos. A Rua da Linha é uma viela ladeada por edificações onde durante o dia funcionam estabelecimentos comerciais que agora estão fechados. A iluminação é precária, garantida por bicos de luz alimentados por “gatos” puxados de um único poste, o que ajuda a formar um aspecto geral de penumbra. Orbitando os gazebos estavam mulheres jovens vestindo blusas decotadas, minissaias e shorts que eram abordadas por homens, alguns trajando ainda partes de fardamento, com quem mantinham conversações breves e eles lhes pagavam bebidas. Ocasionalmente, um casal formado a partir dessas interações se retirava da área dos gazebos e do nosso campo de visão. Perto de onde nos estabelecemos tocava um cd do grupo Musa do Calipso – um tecnobrega com letras românticas (Trecho da letra de duas canções escutadas durante a observação: “Quem quer tudo fica sem nada/ Eu te avisei semana passada/ Que você ia ter que escolher/ Ou deixa ela ou vai me perder”; “Dizer que me ama é fácil demais/ Dizer que me adora já não me ilude/ Eu quero atitude, eu quero atitude”). Bebia-se cerveja e destilados (cachaça, vodka, whisky, rum e conhaque de marcas baratas) acompanhados por espetinhos (de carne, frango e salsichão com ou sem farofa por cima). Uma das garotas se aproximou de nós e permaneceu parada em silêncio virada em nossa direção como se quisesse escutar*

*nossa conversa ou indicando disponibilidade/expectativa de ser abordada. Ali perto outra garota ignorava ostensivamente um vendedor acanhado que tentava convencê-la a levar para casa uns quadros representando paisagens clichê (casinha, rio, pôr do sol) recobertos por uma película que faz com que a imagem mude conforme nos movemos em relação a ela. No muro que delimita uma das margens da Rua da Linha há algumas pinturas murais esparsas representando Joaquim Nabuco e cenas de maracatu disputando espaço com cartazes de propaganda oferecendo excursões de ônibus para a Bahia e cursos profissionalizantes para soldador e encanador industrial. Em um dado momento, aproximou-se de nós um senhor visivelmente alcoolizado que nos pediu para acender seu cigarro, favor que ele agradeceu com apertos de mãos fortes e repetidos e as seguintes palavras: “A gente está aqui, mas Deus está com a gente. E pra onde a gente vai, ele vai iluminar nosso caminho”. Deixamos a Rua da Linha após comermos um espetinho de salsichão e tomarmos algumas cervejas.*

*Seguimos em direção à PE-60. No caminho, mais carrocinhas de venda de espetinhos e bebidas alcoólicas que tocavam música e congregavam pequenos grupos animados. No posto de Gasolina da Shell que marca o limite da rua Júlio Silveira com a rodovia, um rapaz sentado em um banquinho de plástico bebia cerveja e escutava sozinho o som dos Racionais Mcs que saía da mala levantada do seu carro (“Mesmo céu, mesmo CEP, no lado sul do mapa/ Sempre ouvindo um rap, pra alegar a rapa”). Alguns metros adiante, encontramos um ônibus com destino a Salvador esperando o embarque dos passageiros e de suas bagagens (muita bagagem e malas pesadas, indício provável de viagem de mudança definitiva). Um rapaz levava entre suas malas uma enorme aparelhagem de som (caixas de som e equipamentos de DJ). Alguns usavam camisas do Vitória e Bahia. Não havia música e quase não se ouvia o som das conversas; o ambiente era dominado pelo ronco do motor do ônibus e sua vibração.*

#### **4. Referências bibliográficas empregadas no artigo:**

COSTA, Luciano Rodrigues. **Trabalhadores em Construção:** mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na Construção Civil (tese de doutorado). Campinas, Unicamp, 2010.

FARAH, Marta Ferreira Santos. **Processo de trabalho na construção habitacional:** tradição e mudança. São Paulo, ANABLUME FAPESP, 1996.

PESSANHA, Elina Gonçalves. **Vida operária e política.** Os trabalhadores da construção naval de Niterói. 1986. 364 f. (tese de doutorado).

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros** (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987, v.1.

\_\_\_\_\_. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos.** Campinas, Edunicamp, 2001.

VILELA, Fábio Fernandes. **Indústria da construção civil e reestruturação produtiva: novas tecnologias e modos de socialização construindo o intelecto coletivo (General Intellect)** (tese de doutorado). Campinas, Unicamp, 2007.